

O Dia do Índio

A Rádio Clube Pontagrossense transmite diariamente, às 12,20 horas, um programa intitulado "Perfis da Cidade", apresentando crônicas de nosso prezado consócio Vieira Filho. Dia 19 de abril do corrente ano, o apreciado cronista Vieira Filho escreveu, para esse programa da estação capitânea da Rêde Paranaense de Emissoras, a seguinte crônica, alusiva ao Dia do Índio, que foi lida por Barros Júnior, o qual soube dar a entonação apropriada à mesma:

"A data de hoje, 19 de abril, assinala a passagem do Dia do Índio. Os donos da terra, os verdadeiros brasileiros, a raça varonil que já habitava este maravilhoso recanto do mundo antes da chegada de Pedro Álvares Cabral, também tiveram a honra de merecer uma data a eles consagrada.

Dia do Índio... A frase, dita assim com certa entonação de entusiasmo, dá uma boa impressão, e até parece que, neste Brasil ainda meio selvagem, o indígena é personagem de importância, com seu lugar perfeitamente conquistado na sociedade dos homens civilizados que lhes conquistaram as terras férteis, usando a força ou explorando a ingenuidade do gentio. No entanto, quasi que exclusivamente teórico é o amparo e o respeito que se devota aos primitivos e legítimos senhores da terra.

Ao contacto da civilização, o nosso indígena vem se corrompendo, pois que inicia suas primeiras lições de civilização através dos piores vícios dos pseudo-civilizados. Além disso, para lhes aumentar o descrédito, sociólogos de alto coturno lhes negam terminantemente qualquer parcela de valor na formação mesclada da nossa raça, transferindo todo o mérito para o africano importado. Não fôsse o trabalho de recuperação moral que centros culturais, como o nosso valoroso e eficiente "Euclides da Cunha", e a figura do índio brasileiro estaria reduzida a zero, pois quasi neste ponto já se encontra sua pessoa física.

Muito a propósito do Dia do Índio que hoje se comemora, assistimos, ontem, de passagem pela praça Barão do Rio Branco, a uma representação pública de faquirismo. No auditório daquele logradouro público, um índio, cujo nome não guardamos bem, mas que parece ser um Tupinambá, vestido à semelhança dos tempos da conquista, com uma tanga adornada de penas, um cocar e uns colares, se exhibia à grande multidão que se aglomerava naquele local. Enquanto o locutor ia descrevendo as cenas, o nosso índio ia enfiando pelos músculos dos braços, tórax, ventre e pescoço, afiados estiletos de aço, e enfiava enormes pregos no nariz. Numa imitação dos faquires indús, o nosso selvícola, o legítimo dono deste imenso Brasil, ganhava a vida na noite fria de ontem, atravessando o corpo brasileiríssimo com dolorosas flechas de aço.

E, ao lembrarmos a data que hoje se comemora, sentimos uma mágoa profunda ao lembrarmos o quanto é teórica e ineficiente a proteção ao índio em nossa terra, esse elemento valoroso e que influiu de forma ponderável em nossa formação étnica. Mereciam bem melhor sorte os legítimos senhores da terra brasileira, do que andarem se torturando em praça pública para a alegria dos usurpadores do seu rico patrimônio. O índio de ontem será uma acusação muda e expressiva contra os responsáveis pelos seus destinos.

Contudo, nós que sabemos apreciar e valorizar a figura varonil e forte do nosso indígena, no ensêjo desta data, lhe enviamos a nossa mensagem de fraternidade, prestando nossa homenagem sincera e afetuosa aos nossos irmãos, legítimos donos deste querido Brasil.

(Crônica de Guaracy Vieira Filho)